



O devir do professor que ensina matemática em escolas multisseriadas do campo: afetos e subjetividades em jogo

The becoming of the teacher who teaches mathematics in multi-grade schools in the countryside: affects and subjectivities at play

El devenir del docente que enseña matemáticas en escuelas multigrado del campo: afectos y subjetividades en juego

Lucílio Halter Sobral Mendes

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

lucilio.halter@ufpe.br

ORCID: 0000-0001-9006-6078

Simone Moura Queiroz

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

simonemq@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-3878-4619

Resumo. A trajetória percorrida no bojo da Educação do Campo não é nova e nem recente, mas inaugura um novo paradigma de consciência na luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo alguns direitos, como o direito à educação e a uma escola viva onde os saberes camponeses sejam respeitados e valorizados. Nesse sentido, com o presente trabalho, buscamos compreender a constituição de si e de suas subjetividades acerca do sujeito docente que adentra o território da Educação do Campo. Esse jogo foi muito importante por observarmos os passes e jogadas que serviram de pontapé para jogos futuros de novos estudos mais aprofundados na área da matemática na Educação do Campo, visto que os alguns professores demonstram, através dos mapas narrativos, apego a uma matemática praticada e voltada para escola urbana. Trata-se de um texto que converge para os estudos de Deleuze e Guattari, os quais apontam a Filosofia da Diferença como cerceada de multiplicidade, singularidade, devir, alteridade e subjetividade. Logo, consideramos estes aspectos ao estudar o professor. Utilizamos os conceitos devir, é a ação nossa de estar em constante movimento, ou seja, estar sendo agora nesse exato momento é nada mais do que um gerúndio de um verbo (sendo, agindo, fazendo, pensando). É assim, permeando um universo sempre em movimento.



Palavras-chave. Educação do campo, cartografia, filosofia da diferença, professor de matemática, subjetividade.

Abstract. The trajectory followed within Rural Education is neither new nor recent, but it inaugurates a new paradigm of consciousness in the fight for public policies that guarantee rural workers some rights, such as the right to education and a living school where knowledge peasants are respected and valued. In this sense, with the present work, we seek to understand the constitution of the self and its subjectivities regarding the teaching subject that enters the territory of Rural Education. This game was very important because we observed the passes and plays that served as a kick-off for future games of new, more in-depth studies in the area of mathematics in Rural Education, as some teachers demonstrate, through narrative maps, an attachment to practiced mathematics and aimed at urban schools. This is a text that converges with the studies of Deleuze and Guattari, which point to the Philosophy of Difference as surrounded by multiplicity, singularity, becoming, alterity and subjectivity. Therefore, we consider these aspects when studying the teacher. We use the concepts of becoming, it is our action of being in constant movement, that is, being now at this exact moment is nothing more than a gerund of a verb (being, acting, doing, thinking). It is like this, permeating a universe that is always in motion.

Keywords. Rural education, cartography, philosophy of difference, maths teacher, subjectivity.

Resumen. La trayectoria seguida dentro de la Educación Rural no es nueva ni reciente, pero inaugura un nuevo paradigma de conciencia en la lucha por políticas públicas que garanticen a los trabajadores rurales algunos derechos, como el derecho a la educación y a una escuela viva donde los conocimientos campesinos sean respetados y valorados. En este sentido, con el presente trabajo buscamos comprender la constitución del yo y sus subjetividades respecto del sujeto docente que ingresa al territorio de la Educación Rural. Este juego fue muy importante porque observamos los pases y jugadas que sirvieron de puntapié para futuros juegos de nuevos estudios de mayor profundidad en el área de matemáticas en la Educación Rural, como demuestran algunos docentes, a través de mapas narrativos, un adjunto a matemáticas practicadas y dirigidas a escuelas urbanas. Este es un texto que converge con los estudios de Deleuze y Guattari, que señalan la Filosofía de la Diferencia rodeada de multiplicidad, singularidad, devenir, alteridad y subjetividad. Por ello, consideramos estos aspectos a la hora de estudiar al profesor. Usamos los conceptos de devenir, es nuestra acción de estar en constante movimiento, es decir, estar ahora en este preciso momento no es más que un gerundio de un verbo (ser, actuar, hacer, pensar). Es así, impregnando un universo que siempre está en movimiento.

Palabras clave. Educación rural, cartografía, filosofía de la diferencia, profesor de matemáticas, subjetividad.

Mathematics Subject Classification (MSC): primary 97D40.

1 Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado, inspirada na Filosofia da Diferença, que utiliza a metáfora de uma partida de futebol para fazer analogia com as etapas e elementos da pesquisa, bem como com o processo de escrita da dissertação. Assim, o estádio pode ser visto como uma escola do campo que é estudada no plano de imanência Filosofia da Diferença, gênese dos conceitos e onde eles têm seu significado reconhecido. Os jogadores são representados pelos/as professores/as, os quais estão em ação e em um processo de devir durante a partida, o que tem relação com os movimentos realizados na atuação em sala de aula, nesse caso nas salas de aula multisseriadas de uma escola do campo.

Acrescente-se que uma partida de futebol acontece nos territórios das emoções, desejos, afetos e atravessamentos, pois tomamos como base o conceito de Agenciamento, de Deleuze, o qual se refere a um arranjo provisório de elementos diversos que interagem e se conectam de maneira fluida e dinâmica. Elementos que podem ser materiais, afetivos, sociais ou discursivos, e que formam um conjunto que opera sem uma estrutura hierárquica fixa na criação de novos sentidos e possibilidades.

Diante disso, escolhemos jogar em três estádios que podem oferecer uma partida em casa aos jogadores, trabalhar em três locais distintos, mas vislumbramos possíveis entrelaces, que são os estádios da Filosofia da Diferença, da Educação do Campo e da Educação Matemática. Por essas reflexões, vai-se construindo uma visão cosmopolita dessa tríade: Educação do Campo, Filosofia da Diferença, Educação Matemática. Desta forma, a Filosofia da Diferença é uma teoria pós-moderna que tem uma percepção do abandono das grandes narrativas para colocar cada sujeito como constitutivo de aprendizagem diferente do outro.

A Educação do Campo, a qual no Brasil é fundamentada por teóricos marxistas, encontra, no entanto, na teoria freiriana fundamento para o reconhecimento das especificidades das pessoas do campo e das práxis baseadas nos conhecimentos e lutas de um povo subjugado. Junto a isso, temos a Educação Matemática que busca em alguns aspectos contextualizar os saberes escolares com os saberes dos estudantes, estimulando-os a uma melhor organização de esquemas próprios para se chegar a respostas diante de situações

do dia a dia, o que requer o uso dos conhecimentos matemáticos. Finalmente, visitando o estádio da Filosofia da Diferença, fomos fazendo diferentes “roubos”. Em partidas de futebol, o roubo é muito comum: ambos os jogadores das equipes precisam roubar a bola do adversário para partir em disparada ou em lances rápidos para montar um contra-ataque eficaz, desmanchar a defesa adversária e fazer o gol. Gallo [8] propõe que nos apropriamos de conceitos já existentes, atribuindo-lhes novos significados. E, então, essa ressignificação de conceitos prévios são “roubos” e esses são bons. Assim, vamos roubar conceitos para construção de jogadas para chegar ao clímax de qualquer que seja a partida de futebol.

Nesse processo de estudar a Educação do Campo com um olhar voltado para a Filosofia da Diferença, ancorada em Deleuze e Guattari, refletimos sobre o devir¹ do professor do campo no seu contexto socioeducativo na sala de aula. O que fazemos, tendo como base a ótica deleuziana e a multiplicidade do sujeito e seus desdobramentos na Educação Matemática. Por isso, o campo, como espaço geográfico, é também solo fértil no estudo da pesquisa, e a escola nele inserida traz características que contribuem para o olhar múltiplo do ser e de seu contexto social, histórico e educativo. Desta maneira, o professor do campo, em sua atuação, tem a centralidade no estudo acadêmico que pretendemos realizar com esta pesquisa.

Desta forma, a Educação do Campo tem uma amplitude que vai muito além da escola e seus entornos, transpassa os movimentos de encontros entre diferentes personagens que habitam aquele espaço comum: o campo. É também um movimento político de lutas, conscientização de valores e conquistas. Vale lembrar que Lima, Hage e Souza [9] referenciam que a educação do campo no olhar da teoria freireana se sustenta na possibilidade de transformar o oprimido em liberto, sejam esses homens e mulheres que lutam por direito à terra, reforma agrária, por educação perto de suas residências ou em outro local, e pela valorização de seus saberes acumulados na própria comunidade.

Contudo, temos que nos questionar se os profissionais estão imersos no caos resultante das forças que atravessam esses sujeitos. Assim, deparei-me com a seguinte indagação: Os professores de matemática que lecionam na Educação do Campo reconhecem as características próprias dessa modalidade de ensino? Escolhi refletir sobre tal indagação a partir da perspectiva da filosofia da diferença, tomando como base o pensamento de Gilles Deleuze [5] sobre subjetividade e devir², investigando o universo dos professores,

¹(Deleuze e Guattari [6]) trazem pistas de Devir ainda que não se trate de um conceito explicativo e definitivo, mas como pista de um constante movimento de singularidade, instaurando relações e movimentos de repouso, de velocidade e lentidão, em proximidade do que estamos a ponto de vir a sermos, e em que seremos. Nesse sentido, o devir faria parte do desejo.

²O Devir é um conceito discutido dentro da Filosofia da Diferença e que é algo contínuo, é o gerúndio de estar sempre (sendo, fazendo, pensando, supondo...), pois tudo que permeia o universo segue em movimento e ao tentar cessar esses contínuos fluxos deixamos escapar as diferenças. E é nesse “algo contínuo” que

defendendo a hipótese de que é preciso ressignificar o papel desses sujeitos e suas práticas pedagógicas.

Assim, delineamos nossa pesquisa da seguinte maneira: optamos por entrevistas semiestruturadas possibilitaram observar o discurso dos professores, atendendo ao primeiro objetivo específico: *Identificar por meio da filosofia da diferença, as linhas de forças que agenciaram os professores à Educação do Campo; Gravação de áudio, mapas narrativos, e cartografia das subjetividades;*

Gravação de áudio, mapa narrativo e cartografia das subjetividades nos possibilitaram, junto a etapa anterior, a alcançar o segundo objetivo específico: *Investigar por meio da cartografia, quais as linhas de forças e processos de subjetivação atingem os professores de matemática de salas multisseriadas na Educação do Campo;*

Também visitamos os estabelecimentos para observação *in loco*, pois esse movimento possibilita encontro entre pesquisador e entrevistado (Marconi e Lakatos [11]). Junto com as etapas anteriores, conseguimos, assim, atender ao terceiro objetivo específico: *Apresentar em que medida as especialidades da Educação do Campo, impactam na constituição do sujeito professor de matemática no ensino fundamental.*

O delineamento desses objetivos nos ajudará a atingir o objetivo geral deste trabalho de investigação científica: *Compreender como se constitui o dever de professores que ensinam matemática em escolas multisseriadas do campo em Buíque-PE.*

Interessa saber, ainda, que nosso trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, discorreremos sobre o desenho metodológico adotado neste trabalho. Prosseguiremos apresentando a análise e interpretação dos dados coletados e, finalmente, apresentamos as nossas considerações finais.

2 Metodologia

Perseguindo nosso objetivo geral, a pesquisa de campo aconteceu em três escolas públicas municipais de Ensino Fundamental em Buíque-PE, cujo município fica localizado na região Agreste e faz parte da Gerência Regional de Ensino (GRE) Sertão Moxotó Ipanema com sede em Arcoverde. Acrescente-se, ainda, que elas oferecem atendimento na modalidade de Educação do Campo, que envolve a formação de professores na constituição do seu Dever no dia-dia da sala de aula.

As escolas que são o nosso “campo” desta pesquisa são: Escola Municipal Sertãozinho, localizada no sítio Sobrado; Escola Municipal da Pedreira, localizada no sítio Alto;

Suely Rolnik esclarece, “Ora, o que estou chamando de marcas são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir” (Rolnik [14], 1993, p.2).

e Escola Municipal Mundo Sem Fim, localizada no sítio Ouricuri. Ambas as instituições fazem parte do espaço rural de Buíque-PE e funcionam com salas de aula multisseriadas.

Os participantes da pesquisa foram cinco professores os quais nomeamos de jogadores por razão de fazermos metáfora ao jogo de futebol. Salientamos que os nomes são fictícios e os próprios professores escolheram seus personagens os quais gostariam de serem nomeados: jogadores Neymar, Aldair e jogadoras Marta, Rosana e Cristiane. Neste artigo escolhemos apresentar apenas dois participantes.

Interessa saber que trabalhamos com a cartografia da subjetividade que é semelhante com a geografia. Ela vai mapear subjetividades expressas através de desenhos, de modo que o participante faz representação de seus desejos, ações, emoções e sentimentos. E, a partir disso, pode-se desenrolar uma conversa, um relato mais amplo e minucioso ou uma entrevista subsequente. Por essa razão, a cartografia da subjetividade é um desenho que pode trazer para fora de si sentimentos que, por meio da fala, não seriam expressos, por motivos subjacentes a vontade de esconder algo ou involuntariamente (Silva et al. [15]).

Os instrumentos de pesquisa foram construídos para atender aos objetivos traçados bem antes, de maneira que cada um dos instrumentos pudesse trazer uma resposta pelo menos para um objetivo. Com os dados produzidos através dos instrumentos de coletas, o próximo passo foi fazer construir uma planilha no Word para organizar os dados produzidos para uma melhor compreensão e facilitar a análise, o que chamamos de tabulação desses dados.

Assim, temos as categorias de análise e as subcategorias para melhor entendimento das discussões, além da disposição das narrativas em colunas, de modo fizemos um agrupamento de narrativas correspondentes a cada categoria em que elas tinham algo em comum ou convergiam em algum ponto. De acordo com Roesch [13] que a pesquisa qualitativa produz uma série de dados que necessitam ser interpretados.

3 Análise e interpretação de dados

Relacionados com os objetivos da pesquisa, os dados foram produzidos por intermédio dos mapas narrativos (desenhos e seus relatos descritivos dos autores), que é um método de pesquisa social ou etnográfico (Bovo [1]). Na pesquisa eles (os mapas) foram analisados em diferentes movimentos de idas e vindas, para que fosse possível perceber os recortes que transpassaram o corpo vibrátil do pesquisador para composição da teia existencial da vida do pesquisado.

Com isso, aconteceram vários movimentos de idas e vindas entre dúvidas, insegurança por parte do pesquisador para organizar jogadas (de ângulos em que dessem uma melhor visão de lances da partida), para que, ao estar no estádio, assistindo ao jogo, fosse

possível sentir a emoção desse momento. Acrescidas aos mapas narrativos, foram realizadas entrevistas, que são complementações deles ora para direcionar o pesquisado e ajudá-lo a expressar suas percepções, ora para acompanhar suas ações para onde queria que o pesquisador as visitasse.

3.1 Aquecimento para o jogo

No futebol, a posição de meia-atacante tem como principal característica a capacidade do jogador de variar entre as funções de atacante e meio-campista. Desse modo, exige-se do jogador uma boa visão de jogo, uma boa habilidade técnica e velocidade para atacar e defender o time. Além disso, é importante que ele saiba como driblar e chutar bem para marcar gols. Assim, demos ao professor que apresentou tais características o nome de Neymar, como referência ao jogador da seleção brasileira que desempenha essa função.

Quadro 1: Ficha Técnica meia-atacante.

Ficha Técnica professor/jogador Neymar
Formação: Formado em Pedagogia, pós-graduado em Psicopedagogia. Possui mestrado na área de Educação Inclusiva. Doutorando em Educação Inclusiva.
Experiência profissional: Exerce a profissão de professor há 25 anos, com experiência em coordenação e monitoria em vários momentos de sua carreira. Gosta de lecionar a disciplina de Português para que os alunos tenham uma base em sua formação e como também repassar os conhecimentos adquiridos no decorrer de seus projetos.
Ensinar matemática no campo é... um desafio em salas; é aproveitar o espaço/campo para o ensino-aprendizagem; é entender melhor cada cantinho e tudo que nos rodeia como objetos matemáticos, ou seja, vê a matemática em tudo.

Fonte: O autor (2024).

O professor Neymar mostra reconhecer a importância da valorização da cultura regional e que o campo também produz conhecimento, e assume uma postura de colocar o aluno do campo como protagonista do seu aprendizado. Portanto, esse professor é um jogador que transita entre defesa e ataque, fazendo uma ponte no meio-campo.

Na próxima posição, temos o volante. Esse jogador precisa ter um bom nível de habilidade técnica, pois ele é responsável por fazer o primeiro passo e iniciar o ataque. Além disso, o volante precisa ter um bom conhecimento tático e desenvolver habilidades para se posicionar corretamente em campo. O objetivo é garantir que a equipe tenha uma boa transição entre a defesa e o ataque.

Quadro 2: Ficha Técnica da volante.

Ficha Técnica professora /jogadora Rosana
Formação: Graduação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia.
Experiência profissional: Atua na educação há 41 anos. 13 anos dedicado ao trabalho em secretaria. Está completando o tempo de aposentadoria esse ano. Na sua infância estudou em escola unissérie, e da qual tem experiência de pouco apreço pela matemática por causa do pai que não tinha muito jeito para passar o que sabia e tinha domínio.
Ensinar matemática no campo é... pra mim é fácil, porque o professor tem que se planejar e está preparado para lecionar todas as disciplinas.

Fonte: O autor (2024).

A professora tem bloqueio na infância com a disciplina de matemática por causa do pai, mas trabalha praticamente todos os dias de acordo com a planilha indicada pela Secretaria. No entanto, quando o jogo pede, ela tem resistência para aguentar a pressão de ensinar uma disciplina a qual não se identifica. Com isso, tenta fazer com que a equipe tenha bom desempenho na aprendizagem.

3.1.1 Abertura do jogo

Para a partida começar com o pontapé inicial das estrelas, contamos com os comentários deste que vos escreve. Agora, neste exato momento, temos a movimentação em campo do técnico, chamando os jogadores e dando suas orientações para a bola rolar no estádio da filosofia da diferença, que apresenta uma excelente estrutura para uma partida emocionante. O gramado está bem cuidado e em boas condições. Além disso, subjetividade vai permitir que haja possibilidades de jogadas rápidas e chutes certos para fazerem muitos gols.

É importante destacar que a Educação do Campo é uma modalidade de ensino que ocorre em espaços rurais e é voltada para populações identificadas como agricultores, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas e seringueiros. Essa modalidade de ensino encontra amparo legal na Resolução do CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Assim nos diz o Art. 27: “A cada etapa da Educação Básica pode corresponder uma ou mais das modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena e Educação a Distância” (Brasil [2]).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, posteriormente, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Educação do Campo vai se firmando e ganhando terreno. É válido lembrar que como essa modalidade foi por muito tempo negligenciada, os professores não tinham clareza na compreensão dessa proposta. E nesse jogo em que a verdade sempre ganha de “lavada³”, os jogadores podem pisar na bola e cair. Neste sentido, os professores relataram:

Quando comecei a trabalhar na educação e com turmas multisseriadas, antes só ouvia falar e nem tinha muita noção (Professora Cristiane).

Não tenho muito conhecimento, nem muita noção da funcionalidade da Educação do Campo, até porque não conheço a que se referem os documentos (Professora Marta).

Ao assumir o concurso, fui direcionado a uma escola do campo. Foi o início do trabalho. Na época, a Secretaria repassou todas as instruções necessárias de como atuar em escola do campo (Professor Neymar).

Eu conheci através de uma professora que ensinava anteriormente na escola (Professora Rosana).

Logo, fica evidente que o conhecimento sobre alguma coisa, seja ela no plano imaginário ou na realidade, requer uma certa apropriação daquilo que se materializa, não bastando simplesmente ter contado ou conviver superficialmente. Em outros termos, conhecer algo porque alguém falou, ou pela Secretaria ter passado instruções, recai no não conhecer ou desconhecer pela superficialidade.

3.1.2 Começando o jogo com mapas narrativos

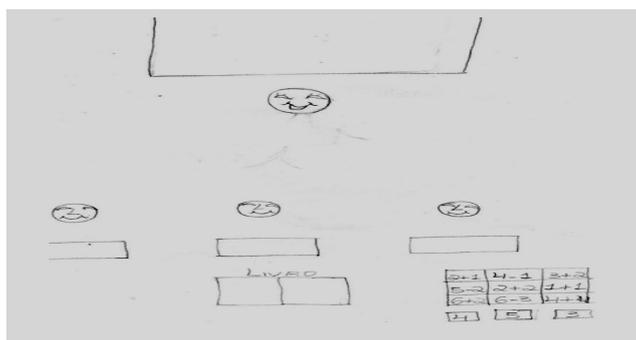
Para o reinício desta partida que começou com entrevista e questionário, teremos a seguir os mapas narrativos, que são a combinação entre desenho dos jogadores e relato de suas representações e atitudes diante do exposto. Com isso, o pesquisador faz uma leitura também do implícito, acrescentando questionamentos. Eles, “[...] os mapas narrativos,

³Termo popular para designar que a jogada ou lance com a bola foi linda e que teve por consequência a finalização de vários gols.

“visam reconstruir espaços pessoais da vida dos entrevistados e a relevância subjetiva desses espaços” (Bovo [1], p. 19, grifo do autor).

Para a professora, o livro didático é um facilitador para as aulas, o que podemos inferir que seja uma saída para a escassez de material didático, e um problema é o acompanhamento da família para o aprendizado dos estudantes. Vejamos como ocorre a aula da jogadora Rosana:

Figura 1: Aula de matemática da jogadora Rosana



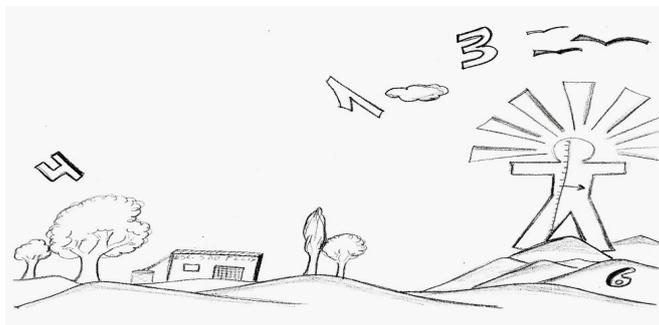
Fonte: O autor (2024).

Agora os jogadores iniciam suas jogadas. A primeira é a jogadora Rosana, que começa seu relato sobre a rotina de sua aula de matemática com o uso do livro didático como uma ferramenta utilizada em suas aulas, apesar de utilização de outras: caderno, quadro branco, atividade fotocopiada. Entretanto, o livro aparece tanto na resposta à entrevista quanto no desenho feito pela professora, reforçando a importância dele para sua prática em sala de aula. Dessa forma, percebemos na sua ficha técnica que a jogadora está no jogo da educação. Há algum tempo ela joga na posição de volante. Com isso, tem como característica ajudar a defesa (por essa razão ela joga *a priori* em alguns momentos na “retranca” que é recuar e se fechar na área defensiva), apesar de ter outras características para avançar contra os adversários e conseguir levar perigo de gol a outra equipe.

Vejamos como Rosana enfrenta alguns adversários: Secretaria de Educação, famílias pouco comprometidas com a aprendizagem dos filhos, trabalhos burocráticos. O que a estes podemos apontar como dispositivos que tornam a sala de aula mecânica e um pouco travada. O dispositivo tem sua característica de criar teias em que o sujeito fique imóvel nelas e não seja capaz de enxergar além. Assim, a jogadora Rosana joga neste momento com a característica de volante defensiva e recuada, que não consegue se desprender de seus oponentes. Logo, o jogo está complicado para Rosana.

Prosseguindo no campo, é a hora de conhecermos as jogadas de Neymar, que é um meia-atacante, responsável por criar jogadas ofensivas e finalizá-las, contribuindo tanto para o ataque quanto para defesa. Vejamos a aula de matemática do professor Neymar:

Figura 2: Aula de matemática do jogador Neymar



Fonte: O autor (2024).

Esse jogador tem uma notável habilidade para realizar jogadas que envolvem as diferentes áreas do conhecimento. Em seu relato da aula de matemática, fez diferentes alusões às áreas do conhecimento, como geografia: campo, escola, montanhas; ciências: árvores, sol, luz, nuvens; matemática: números, régua, seta, direção. Nota-se que, em sua fala, vai pontuando e explicando cada elemento representado no mapa narrativo.

Então, o professor Neymar apresenta uma série de jogadas que o faz transitar em diferentes funções dentro do campo da educação como atacante, aquele que vai para frente com estratégias para furar o bloqueio da equipe adversária, como integrar diferentes áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade. Outro ponto é a integralidade dos números com o cotidiano do aluno. Esse jogador faz uma ponte entre o conhecimento matemático escolar com o conhecimento matemático no social dia-dia do aluno. Neymar transita com facilidade no “meio de campo da escola” e, assim, deixa as subjetivações transitarem na sala de aula.

Para consolidar as impressões do jogador Neymar e sustentado por escritos de autores como Kastrup, Passos e Escóssia [12], no livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*, na pista 8, fala-se sobre a política da narratividade. Assim, evidencia-se uma preocupação metodológica nas narrativas como procedimento e que possam provocar uma reflexão sobre a política, que não se refere à política partidária, evidentemente. Trata-se do envolvimento do pesquisador com o que se pesquisa, para se transformar e transformar o outro. Em suma, afetar e deixar ser afetado, enfatizando que a escolha desta posição, a narrativa (*ethos* da pesquisa), não pode ser desarticulada das políticas que estão em jogo, como políticas da subjetividade e políticas cognitivas. Assim, os autores supracitados ainda defendem que a política, na lógica cartográfica, tem como finalidade a transversalidade.

3.2 Segundo tempo

Estamos de volta, depois de um breve intervalo de jogo, para retomar as discussões diretamente do estádio da filosofia da diferença, de modo que ajustamos melhor maneira de condução de jogo, visando alcançar melhores lances desta partida.

3.2.1 A categoria desejo em jogo

O desejo surge quando alguém se aproxima de algo e, a partir desse momento, pode ou não ser aflorado. Nessa perspectiva, o desejo de trabalhar na Educação do Campo existe ou é apenas uma força que leva para esse território? Quero habitá-lo? E se habito, como ajo imerso nele? Sobre a existência do desejo na atuação em escolas do campo, podemos observar que o desejo não foi algo nato nestes professores, como podemos observar nas seguintes narrativas:

Não foi desejo, porque não me deram opção de escolha. Foi chegar e dizer que tem essa vaga em tal escola no sítio e pronto. Não me sentia preparada. Aliás, me senti muito insegura (Professora Cristiane).

Na verdade, não foi um desejo. E não foi uma opção. Naquela época, não tinha uma bagagem de conhecimento e nem orientação para estar em uma sala de aula do campo, porque não tinha uma ajuda pedagógica. [...] (Professora Marta).

Surgiu desta forma: a vizinha era professora, ficou grávida, e não tinha quem tirasse a licença. E como, na época, eu tinha acabado de terminar o antigo magistério, nem sonhava em trabalhar, apareceu a oportunidade. Eu ainda não me sentia preparada para o ensino no campo não, até pela questão de que, naquele momento, não se questionava a diferença de educação urbana e rural. [...] (Professora Rosana).

Foi um condicionamento de minha classificação. Não estava preparado, porque essa função exige contínuo esforço e dedicação, pois os meios estão sempre se inovando. (Professor Aldair).

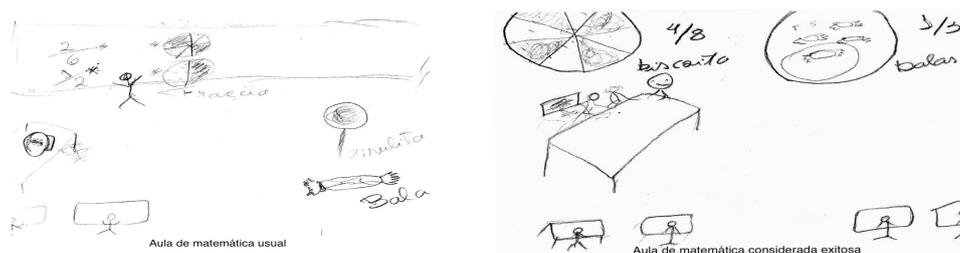
Com as narrativas, percebemos que a maioria dos jogadores/professores chegam ao campo sem ter o desejo de jogar a partida, para o que apresentam justificativas diferentes. Neste sentido, usamos a palavra desejo relacionada ao prazer de pertencer ao território do campo (não falo de território necessariamente físico, mas, sim, o território da emoção de pertencimento) (Deleuze [4]).

Todavia, embora, no primeiro momento, alguns jogadores não tivessem o desejo de pertencer ao território, quando adentram neste local, eles não deixam de fazer ações para contornar as adversidades encontradas no território. Os jogadores relatam que fazem diferentes ações enquanto estão imersos no cenário da Educação do Campo.

3.2.2 A categoria linhas de força no campo

Os nossos telespectadores e o público presente no estádio devem ter percebido que o jogo avança e se desenrolam lances e passes de bola bem-sucedidos e outros nem tanto assim. Notamos o quanto existem linhas de forças que tentam arrastar os sujeitos para outro território, tirando-os da capacidade de escolher onde querem ou desejam estar. Seguindo na nossa partida, observamos com bastante atenção a jogada “Lecionar matemática em turma seriada”, em que cada professor apresenta as linhas de força que os envolvem. No caso do professor Aldair e da Professora Rosana temos o planejamento, “*Creio que o planejamento é mais consistente e as dificuldades existem, porém são mais sucintas de serem resolvidas*” (Professor Aldair). Ao analisar o mapa narrativo do professor, podemos compreender que ele planeja suas aulas como um modo de obter sucesso no processo de ensino.

Figura 3: Mapa narrativo do jogador Aldair



Fonte: O autor (2024).

Aldair, por sua vez, traz uma aproximação entre a aula de seu cotidiano e a aula considerada exitosa. O jogador faz uma jogada de interseção entre o que faz na linguagem oral (discurso) e a linguagem corporal (ação). No futebol, diz que ele “passou a bola redondinha”, ou seja, toque preciso. É válido lembrar que os mapas narrativos foram feitos em situações distintas e com um espaço de tempo longo, ou seja, o primeiro à esquerda anterior ao outro. Portanto, o fazer matemático requer do educador um compromisso em fazer da matemática algo real, algo que traga reflexão para a realidade dos alunos, o aqui e agora, (D’Ambrosio [3]). Por essa razão, adentrará na cultura do outro e praticando a dinâmica cultural proposta pela Etnomatemática. Logo, o sentimento de experiência é uma linha de força que impacta na postura dos professores, o que pode ocorrer de modo positivo ou negativo.

Vejamos, agora, o mapa narrativo da professora Rosana:

Figura 4: Mapas narrativos da jogadora Rosana



Fonte: O autor (2024).

Rosana expressa, em entrevista, que é importante o professor ter conhecimento e segurança no que está ensinando para os seus estudantes. No entanto, demonstra, nos seus mapas narrativos, aulas bem dentro da “caixinha”, com alunos enfileirados e professor à frente da lousa. Desta forma, e fazendo dinâmica escolar distinta, poderia ter resultados diferentes do que se percebe hoje em sala de aula, deixando a manifestação da criatividade. Isso não significa rejeição à matemática acadêmica e formal. Para D’Ambrosio ([3], p. 43), “[...] não se trata de ignorar nem rejeitar conhecimento e comportamento moderno”. É necessário o aprimoramento desses, e junto trazer valores que sintetizam uma ética de solidariedade e respeito para os sujeitos.

Por conseguinte, as atitudes dos professores em suas escolas trazem indicativos de que não aproveitam a potencialidade da Educação do Campo a partir dos princípios da Etnomatemática. Trabalho com fases do plantio, uso da biodiversidade, uso diferenciado do calendário para colheita, medir área de um plantio e cultura da terra, entre tantas outras possibilidades. É nesse sentido que D’Ambrosio [3] pontua algumas dimensões da Etnomatemática.

Primeira dimensão é a conceitual, segunda é a histórica, a terceira é a cognitiva, a quarta é a epistemológica, a quinta é a política e a sexta dimensão é a educacional. A proposta da Etnomatemática não propõe e nem traz em si a negação dos conhecimentos matemáticos acadêmicos, mas o acolhimento desses conhecimentos, de modo que se leve em consideração os conhecimentos e as práticas matemáticas dos estudantes no cotidiano de suas vivências. Observa-se, assim, que o trabalho com os mapas narrativos e entrevistas contribuíram para compreender a importância dos conhecimentos prévios dos estudantes.

Apesar de considerarem aula boa como sendo a que envolve o aspecto dinâmico, durante as entrevistas, nos mapas narrativos não demonstraram que, em sua aula de matemática no campo (considerada exitosa), levariam em consideração o que os estudantes

veem no campo, bem como o que está alinhado com o que acontece nesse território e suas necessidades. Os professores demonstram, ainda, um apego à matemática tradicional que, em geral, é praticada na escola urbana.

4 Considerações finais

Aqui estamos na reta final para traçarmos alguns comentários sobre os lances, as jogadas de Cristiane, do Aldair, da Rosana, do Neymar e da Marta. Esses jogadores, com suas habilidades na Educação do Campo, chegaram com a bola na mão, prontos para entrar no estádio da filosofia da diferença para mostrar para que vieram.

Ao iniciar a partida, jogadores, como a Cristiane, Marta, Rosana e Aldair, colocam que *a priori* não tinham desejo de pertencer ao território da Educação do Campo, ao contrário do que Neymar tinha dentro de si. Todavia, eles permanecem e, dessa forma, pode-se supor que acontece um agenciamento, de modo que existe um grau de força e, ao mesmo tempo, de liberdade, que faz com que os jogadores permaneçam nesse território que antes não desejavam. Portanto, aqui acontece que a Educação do Campo marcou um gol em relação aos jogadores.

A jogadora Cristiane diz usar ensino tradicional em algum momento em que se faz necessário, principalmente quando se trata de conteúdos mecanicistas. No entanto, ela mesma, em outros momentos, tenta fazer com que os alunos pensem, interpretem e resolvam problemas que envolvam o uso da matemática. Assim, ela é arrastada para a subjetividade que acompanha os alunos no cotidiano. Isso acontece por conta da linha de fuga, que é o abandono de um mundo que não lhe oferece condições de permanecer para habitar o mundo do raciocinar de uma forma nova: a subjetividade.

Professora Rosana, demonstrando que é necessário atentar para as especificidades da escola do campo. Ela habita em um território em que se sente um pouco aprisionada, porque a secretaria de educação direciona o seu trabalho em outra situação, e as famílias não colaboram para que o seu trabalho seja mais frutífero. Aqui se impõem 2 dispositivos que tornam mais árduo o seu trabalho.

Todos os jogadores externam explicitamente que a escola urbana goza de uma melhor e maior visibilidade diante da sociedade em que vende a ilusão de que o urbano é um lugar que oferta melhores condições de educação. Isso denota linhas de forças substanciais que podem levar as pessoas a crer que o campo é lugar de atraso. Destaque-se, ainda, que as linhas de forças agem concomitantemente com outras.

O jogador Neymar expressa que a matemática tem um quê de mágica, afirmando que, em diferentes momentos da vida e em vários locais, encontramos a matemática na roupa, no prato de comida, no passeio. É nisso que a subjetivação se concretiza: o deixar ser

afetado e afetar também. O poder de afetar e ser afetado é a constituição de subjetivação que ocorre pela relação de força de si com o poder de se deixar tocar. O afetar ou a força de se autoafetar é o que Foucault [7] entende por subjetivação.

Esse jogo contribuiu para observarmos os passes e jogadas que serviram de pontapé para jogos futuros de novos estudos mais aprofundados na área da matemática na Educação do Campo, visto que os alguns professores demonstram, através dos mapas narrativos, apego a uma matemática praticada e voltada para escola urbana e a carência de uma formação específica para os professores do campo (Lima et al [10]). A formação específica deve, portanto, incluir estratégias inovadoras de ensino que utilizem os recursos disponíveis de maneira eficiente, bem como a capacidade de improvisar e criar materiais didáticos com recursos limitados e de trabalhar o conceito da reutilização de materiais. Além disso, é crucial que os professores aprendam a integrar o ambiente natural e cultural do campo no processo educacional, aproveitando esses elementos para enriquecer as aulas e tornar o aprendizado mais relevante e engajador para os alunos.

Esta pesquisa abre espaço para novos estudos, os quais possam investigar a formação de professores para atender a uma diversidade de necessidades educacionais em contexto da Educação do Campo, bem como investigar o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, para que os professores possam construir relações sólidas com a comunidade local e compreender as realidades socioeconômicas dos alunos, de modo a promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

Referências

- [1] BOVO, A. A. **Abrindo a caixa preta da escola:** uma discussão acerca da cultura escolar e da prática pedagógica do professor de Matemática. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2011.
- [2] BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 824, 14 jul. 2010.
- [3] D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática:** Elo entre tradições e modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- [4] DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- [5] DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1997.



- [6] DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: do capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2014.
- [7] FOUCAULT, M. **Que és um dispositivo?** Barcelona: Gedsa, 1990.
- [8] GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. Parte um: Deleuze e a Filosofia. Santa Catarina, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/4120766/deleuze_e_a_educacao_parte_um. Acesso em: 05 set. 2022.
- [9] HAGE, S. A. M.; SILVA, H. S. A.; LIMA, I. M. S.; SOUZA, D. D. L. Políticas de educação do campo em um cenário de desmonte das conquistas dos movimentos sociais. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 35, n. 113, p. 188-205, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.35i113.5107>. Acesso em: 15 mai. 2023.
- [10] LIMA, I. M. S.; HAGE, S. A. M.; SOUZA, D. D. L. O legado de Paulo Freire em marcha na Educação e na Escola do Campo. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16683>. Acesso em: 15 mai. 2023.
- [11] MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- [12] PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- [13] ROESCH, S. M. A.; BECKER, G. V.; MELLO, M. I. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- [14] ROLNIK, S. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**, Belo Horizonte: Autêntica, 1993.
- [15] SILVA, M. T.; AMARIS, P.; CAVAMURA, N. R. B.; QUEIROZ, S.; TARTARO, T. F. **Mapas e Cartografia em Educação Matemática**. XI Encontro Nacional de Educação Matemática. Curitiba - Paraná, 18 a 21 de julho de 2013.

Submetido em 28 jun. 2024

Aceito em 16 out. 2024